

PRÁTICAS LÚDICAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA DO INFANTIL IV E V DA ESCOLA SIMÃO BARBOSA DE MERUOCA-CE

¹Rochelle Lopes da Silva- UVA

²Andrea Abreu Astigarraga- UVA

INTRODUÇÃO

De acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2010, os índices de aprendizagem na educação infantil da escola Simão Barbosa, localizada em São Francisco Meruoca-CE, não eram satisfatórios. Portanto, o objeto desta comunicação é um relato de experiência ocorrido por intermédio de nossas atividades junto do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID, Edital N° 02/2009-CAPES/DEB, através da intervenção da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, na escola. O PIBID permeia a prática escolar, de forma contextualizada, interdisciplinar e multicultural, teórico-metodológico, para os educadores, tanto os estagiários da UVA-PIBID, quanto para a professora da escola em estudo.

OBJETIVO

O objetivo principal foi conhecer a realidade educacional da escola, aprimorar os conhecimentos e promover mudanças significativas através da ludicidade.

METODOLOGIA

1

Rochelle Lopes da Silva. Acadêmica do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Autora do artigo.

2 Andrea Abreu Astigarraga. Dra. do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Co-autora do artigo.

A metodologia utilizada foi a pesquisa etnográfica, que investiga o cotidiano da sala de aula, através da observação participante. Realizamos diagnóstico de leitura e escrita e uma oficina lúdica. Para subsidiar nossas práticas, consultamos: Ferreiro (2000), Ferreiro e Teberosky (1985), Nicolau e Dias (2003), entre outros.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O estágio teve início em maio de 2010. Primeiro observamos as crianças, que foram bastante acolhedoras conosco. Esse grupo de alunos era dividido dentro da própria sala, de acordo com a idade, ou seja, as crianças de quatro anos formavam um grupo e as de cinco formavam outro.

Nessa sala observamos que havia uma professora titular e uma auxiliar, elas já trabalhavam há bastante tempo na escola. A metodologia utilizada pelas docentes era assim: mostravam o alfabeto associando cada letra com uma figura e após esse momento os alunos faziam uma atividade de copiar palavras e depois tentavam lê-las. Essa rotina seguia até a quinta-feira, porque na sexta era dia de desenhar e pintar. Durante as observações, percebemos a limitação do lúdico, não havia uma integração, o lúdico era algo isolado.

Sabemos que ler e escrever são importantes, mas a criança também necessita de outros subsídios para desenvolver outras habilidades como coordenação motora, raciocínio lógico e socialização, portanto só a leitura e a escrita não dão conta de suprir essas necessidades, além de principalmente, representar uma prática pedagógica tradicional, com a qual não compartilhamos. No espaço escolar observamos que havia duas salas, um pátio, três banheiros, uma cozinha e uma sala de coordenação. As salas eram pequenas e esse detalhe contribuía para que as professoras acomodassem-se nas dificuldades e não desenvolvessem atividades diferenciadas para os alunos. Porém, isso não era motivo para privar as crianças de momentos lúdicos. Caberia ao professor saber reorganizar o espaço da sala de aula e também aproveitar outros espaços como o pátio, por exemplo, pois sabemos da importância do espaço para criança, é nele, que ela irá desenvolver as relações afetivas, as habilidades e também começar a construir sua visão de mundo, pois

O espaço para as crianças não se restringe ao espaço físico: é um espaço de vida, com tudo aquilo que dele participa- os móveis, as cores, a arrumação, os objetos, os cheiros, os sons, as pessoas, as memórias. E esse ambiente diz muitas coisas que influenciam nossa forma de agir. [...] É preciso fazer do espaço um parceiro na construção das relações humanas, e na mediação entre

as crianças e o conhecimento. Para isso, as creches e pré-escolas devem ter um olhar especialmente voltado à concepção e ao planejamento dos espaços, buscando e recriando a sintonia com as diretrizes do projeto educacional. (NICOLAU E DIAS, 2003, p.14)

Partindo desse pressuposto nos preocupamos em tornar o ambiente escolar o mais propício possível para que o aprendiz possa cada vez mais se interessar pelo ato de aprender. Esse foi um dos motivos que nos levou a proporcioná-los uma oficina lúdica que articulava conteúdo e brincadeiras, aquele momento descontraído, teve o intuito de oferecer aprendizagem, significativa e relevante para que os alunos aprendessem algo mais, pois nessa oficina podemos atingir diversos aspectos, como: leitura e escrita, coordenação motora, raciocínio lógico e criatividade.

Durante as observações também contribuimos, auxiliando as docentes, ou seja, ajudando os alunos a realizarem as tarefas. Isso para nós foi gratificante, além disso, construímos laços afetivos com os alunos e vivenciamos situações que nos proporcionou novos olhares sobre o cotidiano escolar, esses momentos serviram para analisarmos nossas percepções sobre como devemos agir diante de certas situações. Estamos convictos de que educar é muito mais do que simplesmente ensinar a ler e escrever, pois essa profissão exige um grau enorme de afetividade, de estratégias e posturas que venham incluir a todos de forma consciente e ao mesmo tempo produtiva. Eis o desafio de proporcionar aos educandos essas possibilidades. Mas o programa de Iniciação à docência- PIBID veio justamente para nos oferecer o privilégio de aprendermos a buscar os caminhos que nos leva a oferecer essa educação contextualizada.

No percurso de nossa trajetória procuramos conhecer o nível de aprendizagem dos alunos, realizamos um teste de diagnóstico utilizando rótulos, baseados nos testes aplicados por FERREIRO e TEBEROSKY (1985). Levamos para a sala de aula, vários rótulos de alimentos e pedimos que eles tentassem lê palavras como: café, açúcar sal, arroz, o objetivo era ver como as crianças reagem diante da leitura, também proporcionamos uma vivência de escrita, na ocasião eles escreveram o nome deles e em seguida escreveram palavras de fácil grafia, como: bola, cama, bila, isto é, escreveram do jeito que sabiam, sem nossa intervenção.

O resultado desse teste foi o esperado, houve crianças que teve mais facilidade para ler e escrever do que outras, isso não nos preocupou, pois sabemos que cada criança possui um ritmo específico para aprender os processos de aquisição de leitura e escrita. Mas esse teste serviu também para guiar nossos trabalhos de intervenção, pois a partir daquele teste demos

prioridade aqueles alunos que tiveram mais dificuldades, não se tratava de oferecer um reforço, mas sim, um incentivo para que eles avançassem e conseguissem realmente desenvolver as habilidades, pois estamos nos referindo sobre o nível de Educação IV e V, portanto, não era obrigatório que eles aprendessem a ler e a escrever logo no início de seu ingresso à escola. Para que ocorresse esse aprendizado era necessário tempo porque, a criança precisa vivenciar cada etapa do seu desenvolvimento com bastante apoio, tanto do professor como também da família. É de suma importância que o professor e a família valorizem qualquer ato de escrita da criança, estimulando-a para obter sempre mais o desejo de aprender.

A escrita não é cópia passiva e sim interpretação ativa dos modelos do mundo adulto. Longe da caligrafia e da ortografia, quando uma criança começa a escrever, produz traços visíveis sobre o papel, mas além disso, e fundamentalmente, põe em jogo suas hipóteses acerca do próprio significado da representação gráfica. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p.34)

É necessário que o professor tenha consciência disso para poder entender o raciocínio que cada criança realiza acerca da escrita, cobranças exageradas só irão frustrar as expectativas desse aprendiz.

A criança começa por descobrir que as partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra escrita (suas sílabas). Sobre o eixo quantitativo, isto se exprime na descoberta de que a quantidade de letras com que se vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. (FERREIRO, 2000, p.24)

Partindo desse princípio, os professores precisam encontrar maneiras para tornar esse processo o mais simples possível, aproveitar a predisposição que a criança possui em relação a essa descoberta e ajudá-la a construir as estratégias para avançar cada vez mais no processo de leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência vivenciada através do estágio do PIBID foi muito importante para nossa formação inicial, pois tivemos a oportunidade de observarmos o cotidiano da sala de aula de uma maneira intensa, compartilhando e interagindo ao mesmo tempo. Durante esse período também passamos por algumas dificuldades, pois o núcleo gestor no início não entendeu qual era o nosso objetivo e tentou inibir a nossa prática, mas mesmo

assim, conseguimos prosseguir e aos pouco conquistamos espaço para interagirmos. Tudo que vivenciamos foi muito especial, pois sempre tentávamos buscar o novo, trazer novidades para tornar a aprendizagem dos educandos ainda mais prazerosa. Esperamos que essa experiência tenha contribuído para melhorar os níveis de aprendizagem, mas, principalmente, incentivar os educadores a modificarem suas práticas, instigando-os a buscarem sempre a perspectiva do novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Relatório da Comissão de Educação e Cultura Câmara dos Deputados. **Grupo de trabalho sobre Educação Infantil: Os novos caminhos relatório final**, Brasília, 2003.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**, São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, ANA. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado e DIAS, Marina Célia Morais. **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas, SP: papyrus, 2003.